



CELSO FURTADO

O SOL SERTANEJO

ELISA MONTEIRO

Economista brasileiro mais lido no mundo, servidor por excelência, inimigo da ditadura, intelectual cassado, ponto gravitacional de uma geração exilada, ministro da Cultura, imortal. Uma força determinada a mudar o Brasil. E para melhor. Este é o perfil de Celso Furtado.

Astro-rei do pensamento socioeconômico brasileiro, Celso Furtado completaria 100 anos em 2020. Sua trajetória extraordinária inclui uma infância sacrificada no Brasil mais profundo, uma formação com base na Faculdade Nacional de Direito, a experiência de guerra na Força Expedicionária Brasileira (FEB), a pesquisa na Sorbonne, o trabalho dedicado à América Latina nas Nações Unidas e depois o engajamento no projeto de Reformas de Base, no desenvolvimento do Nordeste. A cassação, pelos militares, foi um capítulo trágico, mas o porvir terminaria de coroar seu brilhantismo. O reconhecimento intelectual em Yale, Columbia e Cambridge, reabriu as portas para o retorno à vida política primeiro, como embaixador na Comunidade Econô-

mica Europeia; depois, como Ministro da Cultura e, finalmente, como esteio para o primeiro projeto de esquerda eleito no Brasil pós-redemocratização.

“Do ponto de vista analítico, Furtado tem uma produção que está no coração da proposta do governo Lula e Dilma que é a questão do desenvolvimento com distribuição de renda pelo mercado interno de consumo de massa”, explica Ricardo Bielschowsky. O professor do Instituto de Economia da UFRJ (IE-UFRJ) observa que a proposta aparece no plano de campanha de Lula, em 1994, reaparece em 2002 e, novamente, nos planos plurianuais de 2004-2007 e 2012-2015. A ideia nasce em Celso Furtado nos anos 1960 – pontua Bielschowsky – depois de um intenso debate teórico sobre os limites e potenciais do parque industrial nacional.

Como intelectual, Celso Furtado se encaixa no que Renato Ortiz define como intelectual público. Ou seja, havia nele uma explícita intenção de intervir no debate público. “Ele era claramente em prol

do desenvolvimento e do planejamento para superar o subdesenvolvimento”, aponta Wilson Vieira, outro docente do IE. Vieira exemplifica com o engajamento político para a defesa das reformas de base. “Ele vai percebendo que não basta industrializar, de que esse processo tem que vir acompanhado de políticas sociais, como a educação, a reforma agrária, a constituição de um corpo burocrático bem formado e competente”.

Rosa Freire d'Aguiar – jornalista, tradutora e viúva de Furtado – relata que o marido gostava de se identificar como “intelectual e servidor público”. “Celso nunca atuou na iniciativa privada. Uma vez recusou um convite para compor a diretoria de América Latina em um banco privado estrangeiro”, lembra. O contexto era outro ponto chave. “Ele jamais entendeu o problema da inflação como algo meramente econômico. Por trás, sempre havia questões sociais e políticas”. E exemplifica: “O problema do Nordeste nunca foi abordado como algo descolado. A questão do Nordeste era uma questão do Brasil”.



DO PLANEJAMENTO À CULTURA

Primeiro Ministro do Planejamento e idealizador do Plano Trienal de Desenvolvimento, durante o governo João Goulart (1962), Celso Furtado cumpriu também um papel teórico e político na linha de frente pela cultura, encabeçando a pasta ministerial depois da redemocratização. “Muito do Ministério da Cultura se formou a partir dele, tanto em relação à estrutura como em relação às leis de incentivo”, observa Wilson Vieira. Em termos práticos, a política furtadiana deixou de legado “a valorização da cultura local e não apenas por meio das grandes manifestações e eventos” e a Lei Sarney, primeira legislação de incentivo à cultura – que mais tarde recebeu alterações e um novo nome em homenagem a Sérgio Carlos Rouanet.

Celso Furtado foi igualmente pioneiro na reflexão sobre a dimensão cultural do subdesenvolvimento, abordando o tema já em meados de 1970. “Ele considerava a questão cultural muito importante, até porque, percebia uma espécie de mimetismo cultural em relação aos países mais ricos. E como não havia a mesma renda per capita e o mesmo padrão de vida, no subdesenvolvimento, esse mimetismo acabava concentrando ainda mais a renda”, observa Rosa d'Aguiar.

“Ele mostra como nosso sistema cultural é travado, imita produções e tecnologias que são geradas no chamado primeiro mundo. E absorve de maneira não crítica e um pouco trava a cultura nacional”, resume Bielschowsky. O docente destaca que a abordagem cultural ganhou cada vez mais centralidade nas formulações de Furtado ao final da vida. “Ele era um homem da Cultura. Quando ele foi convidado para ser Ministro da pasta, em 1986,



não foi um prêmio de consolação”.

AS RAÍZES NA SECA

Celso Furtado nasceu em 26 de julho de 1920 em Pombal, sertão da Paraíba. “Era mais sertanejo do que nordestino”, relata Rosa d’Aguiar, segunda esposa e companheira de Celso, de 1978 até o final de sua vida, em 20 de novembro de 2004. Ela recorda do episódio em que, ainda pequeno, o marido teve o corpo gravemente queimado durante um acidente doméstico. “Houve uma enchente que arrastou a cozinha de casa e fogão passou para a sala. O Celso jogava bola e um caldeirão caiu todo em cima dele. Ele ficou com aquela cicatriz até morrer”, recorda. E arremata: “Não à toa ele quis fazer projetos para enfrentar a seca. Não quero fazer psicologia de botiquim, mas há coisas que se entende pela infância”.

Para se formar próximo ao centro de decisões políticas do país Furtado migrou para o Rio de Janeiro, onde concluiu o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1944. No mesmo ano, embarcou para servir à Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália. Já de volta, em 1946, retomou o

trabalho acadêmico agora direcionado à Economia, doutorando-se pela Universidade de Paris-Sorbonne, com enfoque no Brasil Colônia.

O PRIMEIRO BRASILEIRO NA COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL)

Celso Furtado foi o único brasileiro da primeira geração da CEPAL, órgão das Nações Unidas (ONU) criado em 1948 para incentivar a cooperação da região. “Tirando o Prebisch, eram todos mais ou menos da mesma idade, entre 28 e 30 anos. Era uma juventude muito interessada, alguns haviam estudado nos EUA”, descreve Rosa d’Aguiar.

O grupo inova a partir de um olhar da periferia sobre os processos do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, rompendo com as tradicionais formulações dos países ricos. “Em primeiro lugar, entender que subdesenvolvimento não é um estágio do desenvolvimento”, “que o Estado tem um papel nisso” e “que isto deve ser colocado dentro de projeto de construção da nação”, enumera Wilson Vieira. “Furtado e Raúl Prebisch vão dar as bases para pensar a situação latino-americana e o subdesenvolvimento a partir de uma teoria com uma perspectiva produzida pela gente, pela América Latina”, acrescenta o docente do IE-UFRJ. A mudança de enfoque muda até a linguagem econômica: “Vocabulários como deterioração dos termos de troca são uma novidade”.

“A Cepal é uma grande referência pela sua produção de conhecimento e de dados sobre a América Latina depois de setenta anos”, observa ainda Bielschowsky. “O Furtado estava na Cepal quando o Prebisch chegou. E Prebisch já tinha criado o Ban-

co Central na Argentina e conhecia muitos países da América Latina. E, então formulou, em 1949, aquilo que poderíamos chamar de teoria do desenvolvimento periférico na América Latina”.

A CRISE ATUAL PELAS LENTES DE FURTADO

E o que diria Celso Furtado sobre a encruzilhada do Brasil hoje? “Por certo, começaria contextualizando o Brasil no mundo e pensaria o país diante desse gigantesco problema da nossa posição desfavorável nas novas relações entre centro e periferia, na atual fase de globalização financeira”, é a aposta de Ricardo Bielschowsky. Os desafios do mundo pós-pandemia, a inserção tecnológica global e a mudança climática compõem o enredo das prováveis principais preocupações do cepalino. “Provavelmente teria dúvidas sobre a velocidade com que a crise será superada”, complementa.

Para o professor do IE-UFRJ o legado de Furtado permite ainda supor uma dura crítica ao projeto socioeconômico dos governos Temer e Bolsonaro. “Ele se oporia a deixar que as forças espontâneas de mercado operassem livremente para que resolvessem os graves problemas sociais que persistem no país”, argumenta Bielschowsky. “Ele provavelmente iria acentuar o fato de que o neoliberalismo em conjunto com a crescente financeirização têm gerado um crescimento medíocre em todo mundo”.

A curva de volta aos trilhos para recuperação da crise seria o gasto público: “Diria que a forma para recuperação da crise seria o gasto público, se oporia à histeria com que se trata disso, na questão do déficit da dívida pública em meio a uma recessão tão profunda”, arrisca o docente do Instituto de Economia.



NASCE EM POMBAL,
SERTÃO DA PARAÍBA

19
44



GRADUA-SE NA FACULDADE
NACIONAL DE DIREITO DA UFRJ



COMPÕE A PRIMEIRA
GERAÇÃO DA CEPAL AO
LADO DE RAÚL PREBISCH

19
50



REFORMAS DE BASE, SUDENE
E LIVRO A FORMAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL



É CASSADO PELO ATO
INSTITUCIONAL Nº 1
(AI-1)

19
78



CASA-SE COM A JORNALISTA E
TRADUTORA ROSA FREIRE D'ÁGUIAR
DURANTE O EXÍLIO, NA FRANÇA



RETOMA A VIDA POLÍTICA
NO BRASIL A PARTIR DA
REDEMOCRATIZAÇÃO

20
02



RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR
HONORIS CAUSA NA UFRJ

Bielschowsky é cuidadoso com julgamentos, mas apostaria em um balanço de mais aprovações do que reprovações da política de esquerda implantada entre 2002 e 2016. “É difícil saber o que Furtado diria, porque ele faleceu em 2004, logo nos primeiros anos”, pondera. Mas, em seguida, enumera alguns dos mais previsíveis acordos: a valorização do salário-mínimo, redução do desemprego e da pobreza, programas como Energia para Todos e Minha casa, Minha vida, políticas de acesso à saúde e educação, uma atuação pautada pela democracia e uma diplomacia bem posicionada e atuante.

O calcanhar de Aquiles – ou mais brasileira-mente Pé de barro – estaria na política industrial. “No campo econômico, Furtado certamente teria reivindicado mais investimento para a industrialização. Com todos os esforços, não se conseguiu coordenar um grande plano de reindustrialização”, opina Bielschowsky. “Foi muito episódico e o Brasil não expandiu e diversificou seu parque industrial”.

O calcanhar de Aquiles ou, mais brasileira-mente, o Pé de barro, sem surpresas, estaria na política industrial. “No campo econômico Furtado certamente teria reivindicado mais investimento para a

industrialização. Com todos os esforços, não se conseguiu coordenar um grande plano de reindustrialização”, opina Bielschowsky. “Foi muito episódico e o Brasil não expandiu e diversificou seu parque industrial”.

O ESTRUTURALISMO

O estruturalismo cepalino “defende a importância de se observar como se constituem as estruturas econômicas, sociais e políticas dos países da América Latina e do Caribe a fim de se compreender o fenômeno do subdesenvolvimento, indo além da explicação dentro somente do campo da economia”, explica Wilson Vieira. A formulação, essencialmente realizada entre os anos de 1950 e 1960, se mantém viva até hoje por razões nada animadoras. “Apesar dos avanços que ocorreram sim na América Latina – assim como no Brasil – nos últimos setenta anos, é uma região e um país que continuam subdesenvolvidos em vários aspectos”, diz Ricardo Bielschowsky.

O tripé de análise cepalino – resume Bielschowsky – é composto pela observação da concentração de propriedade, de uma tributação muito dependente da exportação (e não do mercado interno) e de um mau uso do Estado. A caracterização mantém-se tão atual quanto seus efeitos sociais visíveis: “uma massa de trabalhadores que não encontra postos de trabalho suficientes na modernidade”, “uma balança de pagamento desfavorável com consequências importantes para o processo inflacionário” e “uma institucionalidade, isto é, Estado, estrutura latifundiária, capacidade empresarial e de tributação pouco vocacionados para um progresso técnico e para o investimento”.





Ilustração se inspira na cerimônia em que Furtado recebeu o título de professor doutor honoris causa pela UFRJ, em 2002.

ESTRUTURALISMO NO BRASIL E NA UFRJ

Formação Econômica do Brasil é o livro mais lido do cientista social brasileiro em todo o mundo, com tradução para onze idiomas. Considerada a principal contribuição de Celso Furtado a obra foi escrita durante um ano sabático na Universidade de Cambridge, Inglaterra, em 1958.

Nela, segundo Bielschowsky, Furtado percorre 450 anos da história do Brasil para mostrar “aquilo que estava na base da CEPAL”. “O que Furtado está dizendo nos anos de 1950 é que há uma industrialização em curso que precisa ser dotada de eficiên-

cia, de ritmo, de capacidade de instalar um sistema complexo e a nossa história não é muito favorável, que precisamos de muito esforço do homem para isso. Essa é a mensagem implícita que está na Formação Econômica do Brasil”, avalia.

Além da abordagem histórica inédita, Bielschowsky cita duas outras contribuições inovadoras de Furtado para o estruturalismo, como a análise econômica da continuidade do subemprego no subdesenvolvimento e a observação da integração entre crescimento econômico de um lado e distribuição de renda (ou não) do outro.

De acordo com o docente, no IE-UFRJ, o cepalino encontrou interlocutores intelectuais muito próximos com Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa e Antônio Barros de Castro. “Nós tivemos um privilégio enorme, no Instituto de Economia da UFRJ, de ter três dos quatro grandes economistas estruturalistas brasileiros como nossos professores. Isso é uma coisa única na América Latina”. Em 2002, a Universidade Federal do Rio de Janeiro agracia Celso Furtado com o título de Doutor Honoris.

MEU CARO AMIGO: CORRESPONDÊNCIAS DESVENDAM REDE INTELECTUAL

O nome de Celso Furtado estampa a primeira lista de cassados pela ditadura civil militar (1964-1985). Fora do país, ele teve um encontro forçado com a docência. “Celso nunca tinha dado aula na vida. E de repente se viu professor na Sorbonne. Por sorte, gostou”, resgata Rosa d’ Aguiar. No exílio, Furtado se torna um ponto gravitacional para outros intelectuais posteriormente expulsos do Brasil.

Parte das trocas intelectuais de Celso Furtado realizada por meio de cartas está reunida em Cor-

respondência Intelectual 1949-2004, publicado pela editora Companhia das Letras. A obra foi lançada em comemoração pelo centenário de seu nascimento. A curadoria do acervo e organização da obra é de Rosa d'Aguiar, a quem Furtado destinou a guarda de livros, documentos e “papelada”, como brinca a viúva. O trabalho foi entregue à editora, curiosamente, em 16 de março, início do confinamento. E retomado somente em 2021, em função da pandemia.

O trabalho é monumental. Por alto, a jornalista contabiliza um fluxo de 450 cartas recebidas e entre setenta e cem respondidas pelo economista por ano durante o exílio. Em 21 anos, de 1964 até 1985, foram mais de dez mil cartas – apenas durante a estadia na França. O período, por razões óbvias, corresponde ao momento de vida em que Furtado mais trocou correspondências. A primeira seleção de Rosa chegou a duas mil cartas, depois de enxugadas a trezentas. Diferentemente da grande maioria de livros baseados em textos epistolares, a obra não se restringe ao diálogo entre duas pessoas.

A quantidade e a qualidade das interlocuções tornam a obra única. Intelectuais ligados ao pensamento econômico social nacional e internacional, mas também políticos, juristas e artistas. “Com a distância esses documentos ganham mais importância histórica”, destaca Rosa. Um dos exemplos citados está nas cartas trocadas com Lorde Bertand Russel. “Ele se dirige a Celso dando um belíssimo panorama do que viria a ser os tribunais Russel, anunciando a primeira denúncia sobre a Guerra do Vietnã, a corrida armamentista dos EUA fora da Guerra Fria e depois todas as questões de direitos humanos na América Latina a partir dos golpes”.

Outro registro curioso é revelado em uma troca epistolar com Fidel Castro. “O presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, articulou uma reunião, em Cuba, para pensar o Sul e Celso foi o único brasileiro chamado”, narra Rosa. “Ele foi convidado por Fidel para chegar uns dias antes e para participar do aniversário da Revolução, dia 26 de julho, que coincidentemente é o aniversário de Celso”.

A publicação joga luz sobre um período importante da história brasileira e também sobre a gênese de ideias que influenciaram as décadas subsequentes. A edição de Rosa d'Aguiar deixa transparecer como a troca de correspondência coletiva produziu uma espécie de clube de estudo de exilados. “Eles se encontraram em um grande seminário em Londres sobre América Latina, nos anos de 1960, e perceberam que estavam pensando mais ou menos sobre as mesmas coisas cada um no seu canto”, ela conta.

PARCEIROS

Faziam parte do circuito nomes como Aníbal Pinto, Hélio Jaguaribe, Fernando Henrique Cardoso, Luciano Martins, Fals Borda, Osvaldo Sunkel. “Jaguaribe escrevia comentando o que estava pesquisando nos EUA, Celso comentava ao grupo, Osvaldo Sunkel rebatia etc.”, descreve. “Hoje em dia seria um grupo de WhatsApp”, brinca. Uma vez por mês alguém descrevia o que estava formulando e comentava o que os outros estavam estudando. Segundo Rosa, “uns foram mais, outros menos assíduos nesse intercâmbio. Mas ali há um bom panorama de economistas da CEPAL”, aponta. “Tudo isso é uma espécie de caldeirão que mais tarde vai desaguar na teoria da dependência”, conclui.